

## Reflexões acerca dos Telegramas na Imprensa Catarinense em tempos de conflitos mundiais (O Estado, 1915)

Igor Lemos Moreira<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo visa apresentar reflexões acerca dos Telegramas publicados no jornal catarinense “O Estado” em 1915. A primeira república (1889-1930) marca o início de um novo processo de reconfiguração dos jornais no país. Nesse contexto, os telegramas que já eram publicados no século XIX, nesses veículos, ganham mais espaço, especialmente no que se refere ao plano internacional. sob a óptica da História da Comunicação e do Tempo Presente pretendemos pensar os telegramas que traziam informações relativas à Primeira Guerra Mundial e como parte indispensáveis na Rede de Comunicação de cobertura do conflito.

**Palavras-chave:** *Telegramas; Imprensa; Santa Catarina; Primeira Guerra Mundial.*

### Introdução

Entre o final do século XIX e início do século XX o Brasil viveu um período de intensas mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais. Com o fim do regime monárquico e a implementação do sistema de governo republicano em 1889 iniciou-se, em algumas partes do país, tais como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, um acelerado processo de reformas, especialmente através de um discurso voltado à modernização nacional, que com a virada do século e as duas primeiras décadas de 1900 viria a se intensificar no período que veio a tornar-se conhecido como Belle Époque.

A Belle Époque, no Brasil, consistiu em um movimento que visava a aproximação com modelos de vida e estruturação urbana europeus, especialmente os franceses, aqui

---

<sup>1</sup> Graduando em História para UDESC. Este artigo apresenta resultados preliminares das reflexões produzidas em minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. E-mail: igorlemoreira@gmail.com

tomada a frente pela capital: O Rio de Janeiro. Esse discurso modernizador e era aplicado, por exemplo, através da imposição de normas de conduta e vestimentas, destruição de residências e edificações, políticas e leis de higienização, afastamento de determinadas populações, tais como as negras, para a periferia. Dada algumas práticas, como as colocados, é notável que o discurso empreendido no período visava a constituição da nação, e de identidades brasileiras em aproximação com o continente europeu era na prática segregacionista e construtor de uma imagem de grupo social modelo: A Elite (SEVCENKO, 2003).

Esse momento de transições acompanha igualmente os jornais e a imprensa. Conforme aponta Marialva Barbosa (2003), a primeira república representou para os veículos de comunicação em nível nacional uma fase de grande desenvolvimento e expansão. Entre as inovações no período de 1889 e 1930 na área de comunicação no Brasil estão: A criação de Associação de Imprensa, por Gustavo Lacerda em 1908, a expansão das produções dada as novas tecnologias disponíveis, assim como a eclosão das revistas ilustradas.

Dado esse período e contexto, nota-se cada vez mais na imprensa, mesmo em áreas consideradas como mais afastadas dos grandes centros políticos, um olhar mais atento também para a profissão de jornalista. Esse tratamento pouco a pouco mais profissional, que se afastava de um estilo mais literário e aproximava-se de um modelo Francês, e aos seus produtores marcou os editoriais e as próprias notícias veículos.

Esse processo, aliado a um interesse latente de parte da população por informações do exterior, levou também a uma abertura de maiores espaços e atenção aos correspondentes internacionais (ELEUTÉRIO, 2008). Mas não serão apenas essas figuras as responsáveis por possibilitar meios de transmissão de notícias externas. Os telegramas ocuparam função especial nesse momento, em especial entre os anos de 1914 e 1918 onde a busca por notícias ligadas a Primeira Guerra Mundial eram constantes.

No presente artigo visamos levantar reflexões acerca de três campos em vias de exploração pelos autores: (1) A história das relações entre Telegramas e Comunicação na história, campo que vem lentamente atraindo pesquisadores, e (2) a constituição de notícias no meio jornalístico através do tempo e a cobertura midiática, assim como os impactos, da Primeira Guerra Mundial no Brasil. Desse modo, pretende-se ensaiar sobre qual é a forma narrativa que esse cria da Guerra pensando o acontecimento como construção, assim como suas origens e se elas estão relacionadas aos países que tratam, assim como caminhos para

as pesquisas nesse tipo de protocolo de escrita. De modo a sistematizarmos melhor nossas ideias, optou-se por dividir o texto em partes, começando por uma discussão de nossos referenciais, tal como nosso próprio objeto de pesquisa seguida de uma segunda parte, onde o foco será as fontes.

### **Notas sobre o Estudos de Jornais na História e nosso Objeto**

A bibliografia sobre a história da imprensa no Brasil é extensa. Nesse meio, destacam-se autores e autoras consagrados/as que podem ser pensados em gerações. Considerados como os precursores os marxistas Nelson Sodré e Juarez Bahia, são dois autores referenciais nos campo da comunicação até o presente. Na década de 1970, temos uma revisão bibliográfica, com autoras como Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato, preocupadas em pensar, sob a ótica da Nova História, novas questões nos jornais, em especial as discursivas e de transmissão de ideias. Pensando no período mais recente, em especial em 1990 e nos primeiros momentos do século XXI, autoras como Tania Regina de Luca e Marialva Barbosa têm promovido reflexões e hipóteses revisionistas e de grande contribuição para o campo, em especial ao refletirem sobre o ponto de vista Teórico- Metodológico e, mais presente no caso de Barbosa, por investirem em abordagens interdisciplinares e culturais.

Compreender os jornais como documento histórico, é adotar a perspectiva que este passa a ser compreendido como tal partindo da intervenção do historiador(a) (LE GOFF, 2003), é compreendê-lo como uma produção de seu tempo, inserida em um determinado meio social, com uma intencionalidade. Segundo De Luca (2005), ao estudarem-se periódicos existe uma série de passos a considerar-se, entre estes a necessidade da compreensão do Jornal como um todo para seu estudo, não apenas a análise dos trechos que interessa a nossa pesquisa.

O jornal O Estado trata-se de um veículo de comunicação que passou a circular em Florianópolis em 13 de maio de 1915, e durante esse mesmo ano passa a consolidar-se como o jornal de maior circulação em solo catarinense até próximo à virada do século quando temos o início de seu processo de falência. Competindo com outros jornais do período, tais como A Noite, Folha do Commercio e A Semana, ficava localizado na Rua Jerônimo Coelho, Centro de Florianópolis em pleno processo de reformas urbanas da cidade sendo liderado por Henrique Rupp Júnior e Ulisses Costa. Em sua primeira edição

pode-se observar no editorial as intenções que o pautaram: objetivava-se um jornalismo apertado e justo, a disposição da Pátria e da República e advogado dos desejos do povo.

Pensando em suas dimensões materiais, reflexão indispensável como aponta De Luca (2005), durante nosso período de estudo, seu primeiro ano de circulação (1915), apresenta em todas as 150 edições disponíveis na Hemeroteca Digital Catarinense um total de 4 páginas, sendo destas uma média de 1 e meia dedicadas a notas de divulgação de produtos e ofertas de trabalho. A presença maior dessa utilização publicitária, ou seja, a associação de jornais como veículos de comércio, é uma das características da expansão da imprensa que ocorre na primeira fase republicana no país. Esse fato se desenvolve, especialmente, por uma demanda de modos de manutenção e permanência destes, ou seja, instalasse um meio de financiamento dos periódicos, que até o presente é um dos principais (COHEN, 2008).

Pensando sua linha editorial, o veículo concentra-se bastante nesse ano em assuntos políticos e na questão da Guerra do Contestado, cobrindo o conflito e servindo de espaço para debates com outros jornais através de editoriais de resposta a outros veículos de imprensa, como para A Folha do Commercio e o Jornal católico A Época. Foi regular no período textos tratando do da imprensa catarinense, em alguns momentos em resposta a afirmações em editoriais dos “colegas” como se referem os editores. Essa prática se repete igualmente com as publicações relativas as histórias dos veículos de comunicação, como é o caso das escritas por Lucas Boiteux, com títulos sob o título regular de “A Imprensa em Santa Catarina”. Cabe destacar que os veículos de comunicação impressa no período demonstram reportagens e publicação de notas debatedores com outros jornais.

Um outro viés trabalhado em nossas análises, e por outros pesquisadores da área, é o conceito/noção de Redes de Comunicação, segundo o historiador Robert Darnton. Segundo o historiador do livro e da leitura, parte da compreensão de documentos relacionados à Cultura Escrita se remete à compreensão destes inseridos em uma série de redes que constituem tal como um livro, um folhetim ou um Jornal, por exemplo. Esse conceito é fundamental para estudarmos os diversos agentes, personagens e fatores que os caminhos entre o texto, sua produção e a sociedade (tanto produtora quanto receptora), assim como seus processos de interpretação (DARNTON, 2010).

O conceito de Redes de Comunicação é perfeitamente adaptável para o trabalho com mídias. Pensando em um primeiro momento, na dimensão interna dos jornais e no seu processo de construção diário é preciso lembrar-nos que a mão do autor, como coloca

Marialva Barbosa (2004), é fundamental já que notícias são constituídas a partir de acontecimentos/fatos que por sua vez são criados através de um padrão de normalidade imposto pelo escritor/editor e o que estaria fora deste padrão, a “anormalidade” seria então o que tornaria-se acontecimento/fato. Através disso, têm-se notícias e seus modos narrativos como não apenas a compreensão do que seria interessante para a sociedade, mas estão permeadas por critérios e interesses dos produtores.

É preciso destacar aqui que existe uma aproximação grande entre o conceito de acontecimento e de notícia. Como argumenta Nora (1979), um fato ou um evento adquire o status de acontecimento através dos mecanismos de constituição narrativa e de divulgação do mesmo, ou seja, para que este exista como tal é preciso que seja conhecido e divulgado. Desse modo, o acontecimento é compreendido não como qualquer evento ou ação, mas sim como aquilo que é investido de significado, constituído e divulgado como tal.

No campo de estudos sobre a comunicação, a previsão do que pode ser tratado, pelo jornalista e/ou o profissional atuante nesse campo, esta relacionado aos critérios de noticiabilidade, ou, como apresenta Nelson Traquina, aos valores-notícias, que por sua vez podem ser determinados na interação entre Autor (e editor), Texto (e linha de pensamento) e Sociedade (e conjuntura social imaginada):

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícias que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor notícia” (TRAQUINA, 2005. p. 83).

Não nos cabe neste momento nos aprofundarmos acerca do conceito de noticiabilidade, nem os diversos agentes na definição dos “valores-notícia”. O que interesse a nós é que pensando deste modo teríamos, na rede de comunicação dos jornais um conjunto de redes de comunicação menores, e entre estes o das matérias/textos noticiosos. O século XX é considerado por Pierra Nora (1979) como o momento de “retorno do fato”, uma mudança com relação à preocupação e modo de olhar os eventos, onde a mass mídia ocupa um local de destaque, intrinsecamente relacionado aos grandes conflitos que marcam esse período, entre eles: A Primeira Guerra Mundial.

## Os Telegramas como acesso a Informação da Guerra

O uso de telegramas nos jornais do período foi empreendido, entre outros motivos, com a finalidade de transmissão de notícias rápidas tanto nacionais, como internacionais. Contudo, esse processo já é anterior ao século XX.

Na segunda metade do século XIX, tornou-se imperativo a um grande jornal manter uma coluna dedicada aos telegramas, incorporando a suas páginas o que havia de mais moderno e ágil em comunicação. Na maioria dos casos, porém, esses telegramas eram apenas a sombra da transmissão elétrica que se dera até mais de um mês antes (MATHEUS, 2014. p. 113).

Nesse momento de conflito global, anterior à invenção da internet, o circuito de comunicação que permitirá a cobertura dos eventos internacionais, em especial em países afastados dos *Fronts* como é o caso brasileiro, terá entre suas fontes o uso de telegramas. Era comum nos jornais da primeira república destinar-se espaços a estes. Em Santa Catarina, jornais como A Época, Folha do Comercio e posteriormente O Estado utilizaram desse meio tanto para notícias do interior de Catarinense, especialmente durante a Guerra do Contestado (1912-1916), como para o plano Internacional, pois eram meios de constates atualizações de informações.

Optarmos pelo estudo dos telegramas significa, para nós, compreendermos estes como uma possibilidade de pensarmos o trânsito jornalístico e a urgência da informação, especialmente por termos no século XX uma virada no que se referiu ao nosso regime de historicidade, ou seja, nossa relação presente/passado/futuro. Segundo Hartog (2014), vivemos na atualidade um apego ao presente, um presentismo, tendo em nosso horizonte de expectativa um futuro distópico. Ao contrário do marco empreendido pelo autor, A Segunda Guerra Mundial, penso que esse movimento que se inicia nesses anos primeiros anos de 1900 com a eclosão da primeira grande guerra mundial e da expansão das tecnologias. Em função desse choque de consciência (COSTA, SCHWARCZ, 2000), é que nota-se uma crise de existência na sociedade relacionando suas expectativas de futuro com um futuro incerto, que deve ser afastado de nossas mentes e que é preciso olhar para o hoje (KOSELLECK, 2006). Esse processo é então acelerado pela Segunda Guerra Mundial e os demais eventos posteriores.

Trabalhos sobre o serviço telegráfico ainda não são muito numerosos no país. Como aponta Leticia Matheus (2014), por serem pesquisas recentes, as questões de metodologia para lidar com esse tipo documental são múltiplas. Pensaremos, assim como a

historiadora, é possível interpretar os telegramas através da Hermenêutica, mas também nos vale aqui destacar outras dimensões como as espaciais e as de origem, tal qual nos propõe Marialva Barbosa (2013) para o estudo de impressos.

Ler, em um contexto que não é mais aquele de produção desses telegramas, através da interpretação textual significa compreender que esta depende da interação do texto com o pesquisador. Ou seja, o que esta frente ao historiador são vestígios e rastros de um passado onde não se conseguirá chegar a uma verdade absoluta, apenas em uma forma interpretativa e narrativa desse. Naquele momento de publicação

Os contemporâneos que emitiram e leram aqueles telegramas foram capazes de entendê-los - tanto que resolveram publica-los - porque se referiam a sentidos compartilhados. Não apenas a nós falavam de realidades coletivamente perceptíveis, mas ainda falam hoje a nós sobre diferentes práticas de fazer circular notícias no passado. Falam a nós do circuito noticioso e de sua integração ao processo jornalístico. Por isso, ainda que os textos não registrem a realidade objetivamente, eles permitem interpretar a realidade vivida (MATHEUS, 2014. p. 117).

Primeiramente, vamos nos focar no ponto de vista das do que podemos chamar de “características físicas”. Quando pensamos nesse termo estamos nos referindo ao espaço ocupado, ao tamanho textual e na quantidade total.

No total das 151 edições analisadas, observamos que existiam três modos pelos quais os telegramas poderiam ser publicados no O Estado: Própria coluna de Telegramas sob o título de “A Guerra”, ou “A Guerra Mundial”, ou simplesmente “Internacional”; Através de Comunicados, estes consistiam, pelo que se observa, em um conjunto de telegramas enviados de um mesmo local geralmente utilizados e enviados pelos consulados Inglês, Alemão, Italiano e Austro-hungaro; E através de reportagens de campo em plano internacional, como as realizadas no calor dos conflitos, mas que muitas vezes usam-se da memória e de aspectos do passado em tentativas de aproximação do leitor, como contextualizar a fundação de uma cidade atacada.

Os textos que se propunham como telegramas eram normalmente curtos e consistiam de origem, data e conteúdo, podendo, em alguns casos, serem precedidos de um pequeno título.

**Em defesa da servia**, Londres 30 - Numerosas tropas inglesas e francezas desembarcaram em Kathrin para socorrer a servia (O Estado, 1 de Outubro de 1915. p. 2).

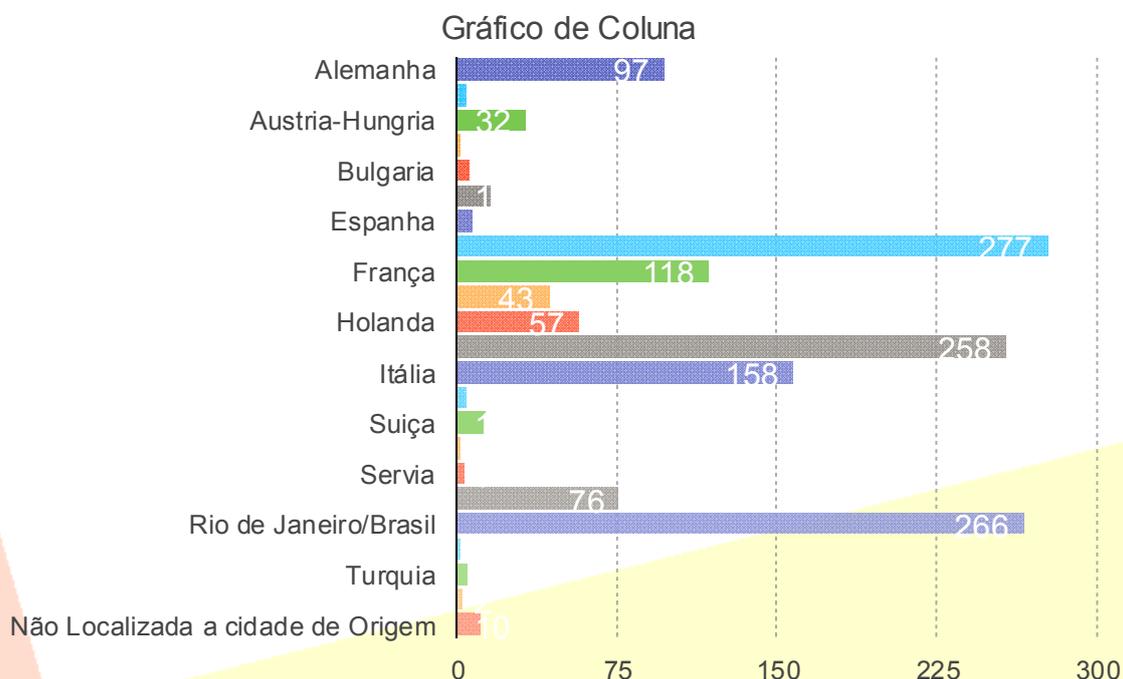
No processo de pesquisa histórica, é a necessária a desconfiança e/ou a curiosidade com relação a suas fontes. Através desse desejo de saber mais e não somente de uma história antiquaria, o historiador questiona sua fonte, realizando perguntas tais como: Onde, quando e Por quê?

Como colocado anteriormente a imprensa durante a primeira república esforçava para acompanhar os agitos e os desejos da população ávida por informações. Em São Paulo, por exemplo, alguns jornais passam a publicar edições matutinas, vespertinas e noturnas como tentativa de acompanhar o fluxo de informações/demanda. O mesmo ocorre com a divisão e segmentação das informações dos jornais dispostas por áreas/colunas como “Variedades” e “Editais” (BARBOSA, 2013).

Nessa urgência, os telegramas rápidos de publicação de informações e eram recebidos até determinado horário do dia, geralmente às 15 horas pelo *O Estado*, para serem publicados no dia seguinte, podem ocorrer “atualizações de última hora”, ou seja, novas impressões daquela edição no mesmo dia com novos telegramas, ou a não publicação de nenhum. Nestes poucos casos, geralmente a causa estava em bloqueios ou atrasos na entrega.

De início a área de telegramas, em especial a de relacionadas com a guerra ocupavam pequenos espaços na segunda página, em grande parte das edições ocupando o espaço de duas meias colunas físicas do jornal. São poucas as edições durante o ano de 1915 que estes ocupam a capa.

Pensando em buscarmos um quadro geral das origens, constituímos um quadro com o país aos quais era atribuído o envio. Em um total de aproximadamente 1.455 estudados, observou-se que de início a maioria era enviado do Rio de Janeiro, ou seja, tratavam-se possivelmente de repasses. Posteriormente o jornal passa a contar com o “serviço especial d’O Estado pelas linhas nacionais e pelo submarino” e publicam-se mais de caráter internacional, indo desde países próximos como Argentina até distantes geograficamente, como a Romênia. Chegou-se então a um quadro onde os Estados Unidos da América pode ser visto como principal contribuinte de telegramas (19% do total), seguido pelos reencaminhados ou dos consulados no Brasil (18% do total) e da Inglaterra (18% total). Organizando em forma de gráfico, teríamos um quadro aproximadamente assim:



Ao pensarmos nos locais de envio, duas interpretações foram imaginadas preliminarmente ao estudo: A primeira foi a que os países em conflitos enviavam a maior parte dos telegramas que seriam publicados, uma vez por serem os palcos dos eventos. Em segundo caso, se pensou o contrário. Juntamente por serem campos onde os eventos ocorriam, podia-se existir entraves ou bloqueios, como de fato se viu em alguns dias, de informações. Ambas as teorias, na prática da pesquisa não se concretizaram ao se concluir a seguinte contagem:

Enviados de múltiplos países (geralmente de capitais ou grandes cidades), os telegramas nem sempre se referiam a seus locais de origem. Tratavam de temas diversos em inúmeras localidades, dentro e fora dos limites territoriais das nações de origem. Vale destacar que as datas de envio não estão obrigatoriamente ligadas a data de publicação do jornal, ou seja, um jornal publicado no dia 22 de algum mês poderia facilmente publicar telegramas apenas dos dias 20 e 22.

Em leitura atenta, constatam-se alguns tipos regulares de narrativas, com destaque para os relatos de movimentações de tropas, assim como batalhas e confrontos.

**CONCENTRAÇÃO RUSSA** Petrograd -, 28 Estão sendo concentradas as tropas russas para reorganização das linhas (O Estado, 29 de Junho de 1915. p. 2).

Outro estilo narrativo esta relacionado a figuras de influência política no contexto, tais como o Kaiser e o Papa, relatando encontros ou atos promovidos por esses.

**O PAPA** Rio -, 21 S. Santidade o papa Bento XV aprovou a oração destinada aos soldados italianos (O Estado, 22 de Maio de 1915. p.2).

Um terceiro modo narrativo que os jornais construíram a partir dos telegramas se refere aos Comunicados. Enviados geralmente de Consulados ou Embaixadas, mas em alguns casos de Legas como a legação alemã de Petrópolis constituíam-se em um conjunto de telegramas ou de informações e que adquiriram um perfil oficial. Esse caráter se dava por serem apresentados como enviados por essas instituições oficiais citadas anteriormente, especial as Alemãs, Inglesas e Italianas.

**Vice-Consulado Britânico em Florianópolis, 14 de Outubro de 1915.** A Legação no Rio de Janeiro comunica - Durante a semana finda em 6 do corrente, entraram e saíram de portos ingleses 1378 navios, de uma tonelada bruta de 23.027. Não foi afundado nenhuma embarcação de pesca. Após 30 horas de combate foi capturada a cidade de Wumbiagas, no Kamerun. As forças inimigas, bastante numerosas, estão sendo perseguidas rigorosamente [...] (Trecho do Comunicado publicado no O Estado, 21 de Outubro de 1915. p.2).

Ambos os casos são exemplos que nos auxiliam a pensar que as narrativas compostas pelos telegramas, e as pretendidas pelos editores dos jornais ai inclui-los nas edições, são a de comentários breves e rápidos, como se propõe esse protocolo de escrita. Porém, seu tamanho não interfere em sua capacidade informacional, e nem se pode refletir que são os modos de publicação de notícias da guerra menos utilizados e com menor capacidade informacional.

### Considerações finais

O serviço telegráfico ocupou no jornal *O Estado* um papel fundamental no processo de construção da Primeira Guerra Mundial como acontecimento. Este artigo apresentou algumas reflexões realizadas no âmbito da pesquisa para desenvolvimento de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Neste trabalho preocupo-me em estudar os processos de construção de acontecimento em na mídia impressa, adotando como evento de estudo a Primeira Guerra Mundial. Nesta perspectiva, os telegramas ocupam papel fundamental no processo. Não apenas por serem um dos modos mais utilizados pelo jornal

para divulgar notícias relacionadas à conflagração, mas igualmente por seu caráter objetivo e rápido em transmitir os fatos que se desenrolam. Além do mais, os mesmos também foram utilizados como fontes para constituição de narrativas e reportagens dos jornalistas catarinenses.

“O Acontecimento também é configurado em função da perspectiva de expectativa em que ele acontece. Ele não sai do nada, mas de pré-conhecimentos, de um conjunto de padrões, de um sistema de referências” (DOSSE, 2014. p. 267). E os telegramas podem ser pensados como vias para criação dessa expectativa pelo seu caráter rápido, direto e de divulgação, auxiliando no processo de construção de horizontes de expectativa do que acontecerá ao mesmo tempo em que reporta os momentos passados no presente lido.

Sintetizando as reflexões apresentadas, ao trabalhar com os telegramas internacionais relativos à Primeira Guerra Mundial, observamos que são fontes regulares de publicação, onde predomina uma intencionalidade de atualização rápida relacionadas a um âmbito externo ao do local de produção do jornal. Vale destacar que a Guerra ocupa, em geral, a maioria do espaço destinado ao cenário internacional. Nesse cenário, os telegramas são então o principal meio para se constituir as notícias.

Não nos arriscamos aqui a pensar em conclusões, mas sim em considerações como foram levantadas antes. Nossa principal é que as fontes telegráficas são indispensáveis para pensarem-se os veículos de comunicação, em especial no que tange assuntos internacionais nesse período, pois notícias e acontecimentos, que por sua vez constitui o impresso, são constituídas por múltiplos agentes e fontes, afinal

A Imprensa, ao invés de espelho da realidade, passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. (CAPELATO, 1988, p. 25).

Os meios de comunicação, então, funcionam no presente quanto no futuro, por constituírem imagens a serem lidas posteriormente, juntamente a se constituírem como veículos que expõem horizontes de expectativa, ou seja, um determinado futuro no presente, em consonância espaços de experiência, passados presentes, como nos casos de publicações relativas a guerras passadas vistas como exemplos. Mas esse tópico, caro /a leitor(a), discorreremos futuramente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. *História da Comunicação no Brasil*. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Jornalistas, "Senhores da Memória?"*. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom Rio de Janeiro: Intercom, 2004.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiências do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2003.

MATHEUS, Leticia Cantarela. Um "spam telegráfico": investigações sobre novas formas de circulação noticiosa no final do século XIX no Brasil. In: SACRAMENTO, Igor; MATHEUS, Leticia Cantarela. *História da Comunicação: experiências e perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.

NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1979.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.